

ESPAÇO PÚBLICO E PLURALIDADE DE SIMBOLISMOS NA PAISAGEM URBANA CHILENA

*PLACE ANTHROPOLOGY IN VILLA GRIMALDI: PUBLIC SPACE AND SYMBOLIC
PLURALITY IN CHILEAN URBAN LANDSCAPE*

Marcos Pereira Diligenti*
Maria Alice Medeiros Dias**

RESUMO

A Villa Grimaldi, localizada na Região Metropolitana de Santiago do Chile, constitui-se numa área de aproximadamente 10.200 m², que durante boa parte do século XX serviu de local de encontro de artistas e intelectuais, onde se promoviam debates sobre as mais diversas áreas da cultura chilena e mundial. Posteriormente ao Golpe Militar de 1973, esse espaço abrigou o maior centro de detenção e tortura do regime militar chileno. Após anos de abandono, no período da *concertación* democrática foi inaugurado no local o parque por la Paz Villa Grimaldi, que em 2004 foi declarado Monumento Nacional. Esse espaço público se constitui de praça e memorial de visitação, com o intuito de denunciar o período em que esteve sob a égide dos militares e homenagear aqueles que resistiram ao regime ditatorial. Este artigo relaciona, a partir dos paradoxais usos desse lugar, a conformação paisagística e os significados real e simbólico desse espaço coletivo e sua integração no tecido urbano em cada um dos períodos históricos investigados. Utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, baseada em vasto material colhido na cidade de Santiago nos anos de 2014 e 2015. Por meio dos aportes teóricos de autores como Marc Augé, Lineu Castello e Norberg-Schulz, busca-se estabelecer o sentido dialógico do espaço público, em seus diferentes espectros de uso, e sentidos paisagístico e urbanístico na consolidação da sua inserção (ou não) na cidade. Palavras-chave: Santiago do Chile. Villa Grimaldi. Espaços públicos. Lugar.

ABSTRACT

Villa Grimaldi, located in the metropolitan area of Santiago de Chile, comprises an area of approximately 10,200 m², which, at the beginning of the 20th century, served as a meeting place for artists and intellectuals, where discussions on the various areas of Chilean and world culture were held. After the military coup of 1973, this space housed the largest detention center of torture under the Chilean military regime. During the democratic "Concertación" period, after years of neglect, the area was turned into Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi. In 2004, the area was declared a National Monument, looking back at the period in which the village was used by the military and paying tribute to those who resisted the Chilean dictatorship. In view of the place's paradoxical uses, this article seeks to establish the relations between the configuration of this collective space, its real and symbolic meanings and its integration in the urban fabric during each of the historical periods investigated in the research. The methodology consisted of a qualitative research of both the literature and the documents collected in the city of Santiago in the years 2014 and 2015. Through

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Avenida Ipiranga, 6.681, Prédio 9, CEP 90610-00, Partenon, Porto Alegre, RS. CV: <http://lattes.cnpq.br/8473102761067099> mdilig@pucrs.br

** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Avenida Ipiranga, 6.681, Prédio 9, CEP 90610-00, Partenon, Porto Alegre, RS. CV: <http://lattes.cnpq.br/8497003280848957> aliced@pucrs.br

the theoretical contributions of authors such as Marc Augé, Lineu Castello and Norberg-Schulz, this article intends to establish a dialogic sense of public space in its different spectrum of use and architectural/urban sense to consolidate its inclusion (or not) in the city.

Keywords: Santiago do Chile. Villa Grimaldi. Public spaces. Place.

INTRODUÇÃO

“Com o ser-no-mundo, o espaço se descobre, de início, nessa espacialidade. Com base na espacialidade assim descoberta, o espaço em si torna-se acessível ao conhecimento.” (HEIDEGGER, 2005, p. 160-161).

A Villa Grimaldi, localizada na cidade de Santiago do Chile, na comuna de La Reina, está inserida em uma área territorial que se originou do Fundo José Arrieta¹, que cobria grande extensão da atual comuna de Peñalolén. O local abrigou, ao longo de sua existência, diferentes usos. Foi como centro de atividade social, artística e política, na segunda metade do século XX, que teve grande participação no cotidiano da cidade (SALAZAR, 2013). Sobre os atributos do lugar:

Los pintores, los poetas, los músicos y los historiadores que la han visitado, han dicho: “estos rincones son fuente de paz, de inagotable belleza, en los que la vida no pasa” [...] Sus árboles y sus plantas son obra de más de un siglo y medio de cuidado y selección [...] Toda su exuberante vegetación, compuesta de impresionantes ombúes, abetos, dracenas africanas, magnolias, pittosporum, jacarandás, cañas de la India, laureles en flor, palmeras, retamas, buganvilias, camelias, mil rosales, madreselvas, etc. [...] demuestran el permanente cuidado que sobre ellas se tiene. Sus terrazas han sido construidas en los sitios precisos para admirar y disfrutar mejor en todas las horas, por todas partes hay bancos, asientos de mármol de Carrara, ladrillos revestidos de baldosas griegas, rejas de hierro fundido con delicadas figuras. Docenas de estatuas de mármol de Carrara y bronce están distribuidas por los caminos [...] cientos de focos y ampolletas especiales iluminan el follaje de los árboles [...] Recorriendo los salones de la mansión grimaldina parecen escucharse aún acordes de piano, de violines, de arpas y toda la rica instrumentación para conciertos [...] Son trozos de historia y belleza que Chile debe cuidar y guardar con respeto y cariño (VASSALO ROJAS, 1967 *apud* SALAZAR, 2013, p. 226).

Concorreu para esse fato a inauguração de um restaurante no local, por Emilio Vassalo Rojas, chamado Paraíso Villa Grimaldi (figura 1), frequentado por artistas, intelectuais e políticos progressistas chilenos. O conjunto foi batizado de Villa Grimaldi devido ao seu aspecto de vila italiana, rodeado por belos jardins, fontes e esculturas. O incremento das atividades do lugar deu-se de acordo com as circunstâncias que englobavam os anos 1960 no Chile – a década da vida pública, dos movimentos de massa,

¹ José Arrieta Perera (1833-1911), diplomata uruguaio que se estabeleceu no Chile. Seu nome foi dado à rua onde se localiza a propriedade.

da modernização e secularização da cultura, dos projetos de mudanças estruturais, do empoderamento das ruas e dos espaços públicos (SALAZAR, 2013).



Figura 1 Paraíso Villa Grimaldi.

Fonte: Disponível em: <http://villagrimaldi.cl/wpcontent/uploads/2011/07/antigua_villa50.jpg>. Acesso em: 13 ago. 2016.

Entretanto, a dinâmica dessa funcionalidade foi interrompida com o advento do Golpe Militar, em 1973, quando os direitos civis foram abruptamente restringidos em todo o território nacional chileno. Em 1974, o proprietário (simpatizante da deposta Unidade Popular) viu-se obrigado a vender o Paraíso Villa Grimaldi para a Junta Militar. O processo foi concluído em 1975, com a expropriação do terreno em uma ação empreendida pela Corporação de Melhoramento Urbano (Cormu). A partir de então, a propriedade ficou sob controle da DINA (*Dirección Nacional de Inteligencia*).

O *Cuartel Terranova*, nome pelo qual a Villa Grimaldi era conhecida internamente pelos militares, funcionou como sede da *Brigada de Inteligencia Metropolitana (BIM)*, órgão máximo executivo das operações de repressão política em Santiago e no país. No período de 1973 até 1978, o local foi usado como espaço secreto de detenção, tortura e extermínio de opositores ao regime militar chileno: “De todos os quartéis utilizados pela DINA, o Terranova foi o mais emblemático por conta de seu significativo tamanho físico, por ter abrigado a BIM e por ter sido o de maior número de detidos, torturados, assassinados e desaparecidos (SALAZAR, 2013, p. 97). Calcula-se que 4.500 pessoas foram ali mantidas como prisioneiros políticos; 236 permanecem desaparecidas ou foram executadas pelas Forças Armadas, que atuavam na repressão política com o uso sistemático do terror de estado.

A atmosfera da Villa, que durante séculos se caracterizou pela paz bucólica, foi drasticamente mudada pelo Golpe de Estado, com nuances de radicais transformações simbólicas e reais. A apropriação do sítio como local de práticas repressivas e crimes contra a humanidade estabeleceu rupturas com a tradição cultural do lugar, incorporada ao imaginário da população, e neste introduziu uma carga de simbolismo relacionada à opressão e ao cerceamento de direitos e liberdades que marcaram o período do militarismo no Chile e na América Latina. Importa considerar que nesse período, mesmo com a intenção dos militares de esconder o local da população, era notória em toda vizinhança a circulação de militares e o movimento de pessoas/automóveis estranhos à região (REBOLLEDO, 2013).

Aqui é possível antecipar o que será tratado posteriormente nesta análise: a potencialidade do lugar inserido e a tentativa do não-lugar apartado da cidade. Após

o encerramento do *Cuartel Terranova*, o sítio permaneceu desabitado e entregue à deterioração. Os elementos da Villa Grimaldi que ainda restavam – jardins de rosas, espelhos d'água, estátuas, piscina, instalações elétricas e hidráulicas –, sem a devida manutenção passaram a compor um cenário de ruínas e abandono. No fim da década de 1980, a mobilização de familiares dos desaparecidos e dos comitês de defesa dos direitos humanos, os protestos nacionais e pressões internacionais fizeram com que a propriedade da Villa fosse devolvida ao *Servicio de Vivienda y Urbanismo (SERVIU)* em 1988 (CODEPU, 2015).

Em 1996, foi constituída a *Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi*, com o objetivo de preservar a memória histórica, promover e difundir uma cultura pelo respeito aos direitos humanos, inclusive com a implementação de um parque no local. A Corporação – detentora da propriedade do terreno mediante contrato firmado com o Ministério de Bens Nacionais (MBN) – administra o atual parque e tem desenvolvido atividades de caráter cultural, social, político, religioso e de investigação. Em 27 de abril de 2004, o Conselho de Monumentos Nacionais (CMN) do Chile estabeleceu o tombamento da Villa Grimaldi como reconhecimento da singularidade e importância histórica do lugar.

Considerando tal contexto, de mutações funcionais e simbólicas, este artigo busca relacionar, a partir dos paradoxais usos desse lugar e de acordo com os períodos históricos investigados, a conformação arquitetônica e paisagística e o significado de seu desenvolvimento na integração desse espaço coletivo no tecido urbano. Para isso utilizou-se vasto material colhido na cidade de Santiago em 2014 e 2015. Por meio desses aportes, buscou-se estabelecer o sentido dialógico do espaço público, em seus diferentes espectros de uso, e das formas arquitetônicas na consolidação da sua inserção (ou não) na cidade.

METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente artigo originou-se de pesquisa bibliográfica e documental de cunho qualitativo com a eleição de um “sítio” (estudo de caso). Os procedimentos incluíram observações e registros fotográficos *in loco*, que, aliados a leituras e exame de documentos, municiaram as reflexões e análises desenvolvidas. Os dados foram analisados a partir da hermenêutica dialética, através da qual, como forma de compreensão dos fenômenos investigados, segundo Minayo (2000), combinam-se a mediação, o acordo e a unidade de sentido com o contraste, o dissenso e a ruptura.

Nessa perspectiva considera-se que as pesquisas essencialmente quantitativas “[...] simplificam a vida social classificando-a segundo elementos ordenados” (MINAYO, 2000, p. 31). O enfoque qualitativo, por outro lado, abre perspectivas de interpretação dos fenômenos de forma mais abrangente, complexa e, conseqüentemente, mais próximas da realidade humana. Essas considerações são feitas no sentido de orientar o fundamento das pesquisas, não significando que uma abordagem de cunho qualitativo prescindia de aspectos quantitativos ou vice-versa.

A escolha da Villa Grimaldi, situada na cidade de Santiago do Chile, como estudo de caso para o embasamento das reflexões propostas neste artigo, considera os seguintes aspectos:

- o paradoxal uso do espaço público nos três períodos históricos detalhados (ver Introdução);
- o impacto e a relevância das diferentes características na construção da identidade e do imaginário da comunidade envolvida;
- a singularidade do sítio escolhido em função do seu histórico de uso e relação com a cidade;
- a atualidade do tema nas discussões sobre o cenário urbano e a construção do pertencimento à cidade em Santiago do Chile.

Por meio de embasamento histórico, tendo como referência nessa área o premiado historiador chileno Gabriel Salazar, e de aportes teóricos de autores como Augé (1994, 1998), Castello (2007) e Norberg-Schulz (2013), este artigo busca estabelecer o sentido dialógico do espaço público em seus diferentes espectros de uso e sentido arquitetônico e urbanístico na consolidação da sua inserção (ou não) na cidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam.” (SANTOS, 2006, p. 214).

A compreensão do espectro de significados do espaço público no imaginário social/urbano requer a imersão nos processos histórico-sociais e políticos contidos no local em questão. Além disso, é necessária a busca de entendimentos sobre as relações espaço-tempo que perpassam as transformações sociais e espaciais nesses processos. Nesse sentido, Salazar (2013, p. 221) sinaliza:

El espacio físico y geográfico contiene los procesos histórico-sociales y políticos, pero, en relación con estos, permanece relativamente igual a sí mismo, moviéndose a un ritmo menor. Más lentamente. Los acontecimientos, en cambio, tienden a ir más de prisa, mudando sus perfiles con mayor rapidez. Sin embargo, en el tiempo largo, el espacio termina, también, siendo cambiado y modificado por el roce y el transitar continuo, como torrente caudaloso, de los procesos históricos que al interior de él van, vuelven y ¿re-vuelven?

O conceito de lugar antropológico, proposto por Augé (1994), realça a intrínseca relação entre espaço físico e espaço social. Segundo o autor, o “lugar antropológico” é definido como uma construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual

se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar. Nessa perspectiva, salienta que o lugar antropológico é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para aqueles que o observam. Esses lugares têm três características comuns: “identitários”, “relacionais” e “históricos”.

Ao apontar para a impossibilidade de conter o estudo dos fenômenos urbanos em limites disciplinares restritos, o geógrafo português Jorge Manuel Gonçalves realça a centralidade da “experiência da cidade”, individual e coletiva, como dimensão fundamental na abordagem dos espaços públicos nas reconfigurações física, social e simbólica da cidade. Gonçalves afirma:

Analisar e discutir urbano, no entanto, não é pertença exclusiva dessas duas esferas – arte e ciência –, pois, pela técnica hermética ou pela subjetividade de expressão artística, corre-se o risco de marginalizar um amplo universo de utilização cotidiana da cidade que, no fundo, se traduz por aquilo que pode designar-se por experiência da cidade. Esta, vivida por todos e por cada um, faz a verdadeira cidade, desmentindo em toda a dimensão a frase em voga no discurso político e urbanístico do “fazer cidade” como a materialização das estruturas físicas (GONÇALVES, 2006, p. 49).

A complexa relação entre as estruturas físicas e as vivências que nelas se abrigam conduz à busca de entendimentos sobre o lugar, as percepções que estimula e os significados que assume no imaginário social. Sobre a percepção dos lugares, Castello (2007) aponta que há lugares que possuem uma aura relacionada ao imaginário espacial do local e, por consequência, ligada à notoriedade desse lugar. Também chama atenção para situações onde está privilegiada a dimensão temporal, onde a memória coletiva sobre os fenômenos estimula a percepção dos lugares – qualificando-os como “lugares da memória” – e para as situações onde o foco da percepção está na pluralidade com a qual um lugar é construído socialmente, envolvendo sua qualidade de coletivo e diverso.

Castello (2007) estende a discussão ao definir subgrupos geradores do *lugar*, que se configuram segundo a sua urbanidade, o seu cotidiano, a sua sociabilidade, a iconicidade entre outros aspectos, onde se enquadram os lugares virtuais, como, por exemplo, as redes sociais (estas, lugares “aespaciais”). Ainda nesse viés, Castello (2007, p. 15) aprofunda a reflexão sobre o conceito de *lugaridade*, enunciando: “[...] lugar é um espaço qualificado, ou seja, um espaço que se torna percebido pela população por motivar experiências humanas a partir da apreensão de estímulos ambientais. Tais estímulos podem ser muito diversificados – tão diversificados quanto o são as relações entre as pessoas e o ambiente”.

Com o mesmo intuito de recuperar o significado mais amplo de lugar, Norberg-Schulz pontua o conceito de *Genius Loci*, onde afirma o caráter do lugar, a sua portabilidade de espírito, a sua capacidade de possuir identidade única – noções que se interligam diretamente com a unicidade dos indivíduos que se relacionam com o lugar. Assinala que o lugar faz parte da existência e que, portanto, “[...] atos e acontecimentos têm

lugar. Na verdade, não faz o menor sentido imaginar um acontecimento sem referência a uma localização” (NORBERG-SCHULZ, 2013, p. 444). Essa relação intrínseca entre existência e lugar faz com que este incorpore um potencial de significados e valores relacionados aos acontecimentos que nele se passam. Por outro lado, o autor pontua: “[...] ações diferentes exigem ambientes diferentes para que transcorram de modo satisfatório”. Para ele, a palavra lugar, para além de referir-se a uma localização abstrata, abrange um “fenômeno qualitativo total” de natureza complexa, “[...] uma totalidade construída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas essas coisas determinam uma qualidade ambiental que é a ‘essência do lugar’”. (NORBERG-SCHULZ, 2013, p. 445).

No percurso da Villa Grimaldi, enquanto espaço urbano, identificou-se um processo com ampla riqueza de situações, transformações e significados. A seguir, será discutido o seu papel como *locus* protagonista e testemunha da identidade social, histórica e política da cidade de Santiago, no sentido de promover subsídios para uma discussão mais ampla sobre como, por que e para quem é produzido o caráter espacial público nas cidades contemporâneas.

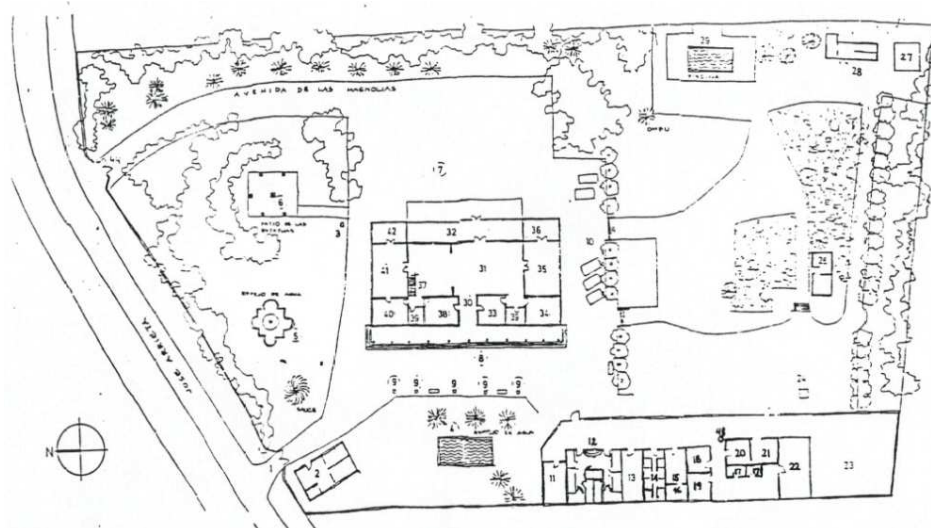
VILLA GRIMALDI: A TRAJETÓRIA DE UM LUGAR URBANO

O primeiro desafio vencido pela Corporação Parque por la Paz Villa Grimaldi foi o de impedir que o sítio abandonado do *Cuartel Terranova* (antiga Villa Grimaldi), ilustrado na figura 2, fosse vendido para uma empresa privada que pretendia destiná-lo ao comércio habitacional. A partir da obtenção da posse do terreno, estabeleceram-se as diretrizes para a requalificação do local:

[...] hemos querido instaurar una nueva forma de paz, dialogante, reflexiva, abierta. Que incorpore a la comunidad, brindándole espacios para su convivencia. Que le devuelva su historia, la posibilidad de atender a las voces y proyectos que conforman su memoria (CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI, 1996).

A proposta do espaço público Parque pela Paz Villa Grimaldi buscou criar um lugar que, ao mesmo tempo, revelasse o percurso histórico onde estão presentes os valores culturais, os atos violentos e as atrocidades contra a vida humana, um lugar que fosse espaço de reflexão, consciência e liberdade, unindo-o ao ser.

Frandosas árvores centenárias, que tanto ambientaram a alegria do debate intelectual e do amistoso convívio social, foram testemunhas silenciosas de sessões de tortura e assassinatos. Sabe-se que um antigo umbu, sobrevivente à destruição do lugar, teve seus galhos usados como suporte para o enforcamento de prisioneiros. E é justamente esse indivíduo vegetal um dos elementos de maior força simbólica na estruturação do atual parque. A figura 3 mostra a sobreposição do *Cuartel Terranova* com o projeto do Parque.

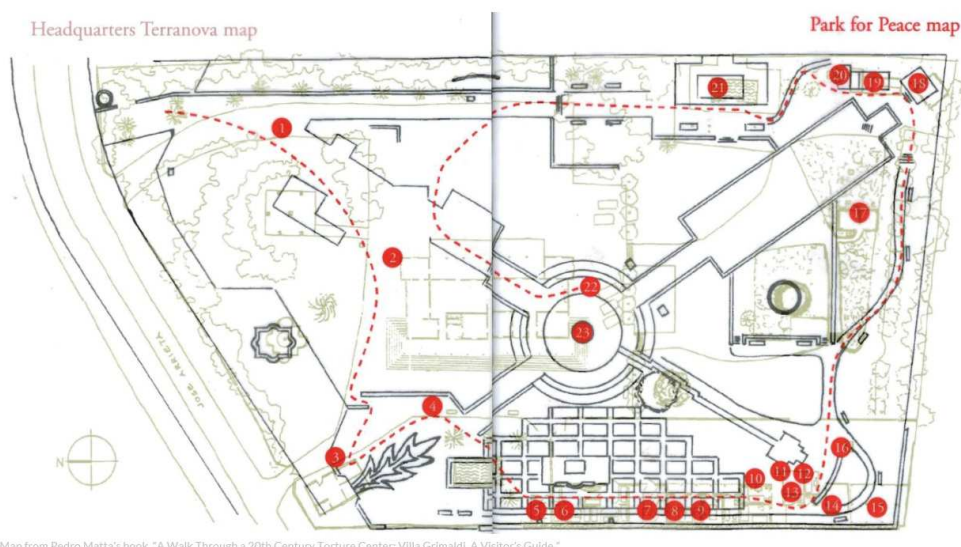


CUARTEL TERRANOVA (EX VILLA GRIMALDI)

Trabajo de investigación y reconstrucción de Pedro Matta Lemoine sobre proyección cartográfica de Miguel Lawner S.

Escala 1:10.000

Figura 2 Planta Baixa – Organização espacial do Cuartel Terranova.
Fonte: Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi (1996).



Map from Pedro Matta's book, "A Walk Through a 20th Century Torture Center: Villa Grimaldi, A Visitor's Guide."

Figura 3 Planta Baixa – Cuartel Terranova e Parque por la Paz Villa Grimaldi.
Fonte: Disponível em: <<http://villagrimaldi.typefold.com/chapter/2006-part-1/>>.

Situada no vértice sul do terreno, na parte mais isolada da Villa, a Torre de 11 metros de altura, que funcionava como reservatório de água nos tempos do Paraíso Villa Grimaldi, no Cuartel Terranova, foi utilizada como lugar de confinamento, celas empilhadas, encimadas por um mirante, para a vigilância dos aprisionados (figuras 4 e 5). No bojo da intervenção arquitetônica e paisagística, esse elemento foi reconstruído

como lugar de enorme significação: foi esse o local onde foram vistos pela última vez a maioria dos desaparecidos.



Figuras 4 e 5 A Torre, reconstruída no parque atual, representada em maquete.
Fonte: Acervo dos autores, 2015.

O projeto do Parque por la Paz Villa Grimaldi foi desenvolvido por uma equipe liderada pelos arquitetos Ana Cristina Torrealba, José Luis Gajardo Torres e Luis Santibañez Ibarra. O objetivo geral da intervenção arquitetônica-paisagística foi definido da seguinte forma:

La re significación de la Villa Grimaldi, de un lugar de detención y tortura a un lugar de promoción de los derechos humanos expresado a través de la arquitectura simbólica (CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI, 1996).

A proposta concretizada no parque, inaugurado em 1997, estruturou-se na definição de dois eixos diagonais que se cruzam formando um “X”, assumido na proposta como símbolo universal, com os significados: “aquí – malo – nulo – nunca más”. A cruz significa “calvario-muerte-y-resurrección” (CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI, 1996).

Dessa forma se estabelecem os dois eixos que estruturam o parque: 1) Eixo Simbólico (marcado com linha preta na figura 6), que remete ao passado sombrio do *Cuartel Terranova*, ligando o portão por onde chegavam os prisioneiros à Torre, considerada como o local de maior sofrimento; 2) Eixo *Cordillera* (marcado com linha azul na figura 6), que possui em suas extremidades opostas o acesso ao parque e o *Muro de los nombres*² (figura 7), representante de um novo caminho em busca da paz, alicerçado na verdade, na justiça e no encontro (CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI, 1996).

² Muro-monumento, que convida ao recolhimento e ao silêncio. Construído em pedra, possui os nomes das vítimas do *Cuartel Terranova* gravados em uma placa de metal.

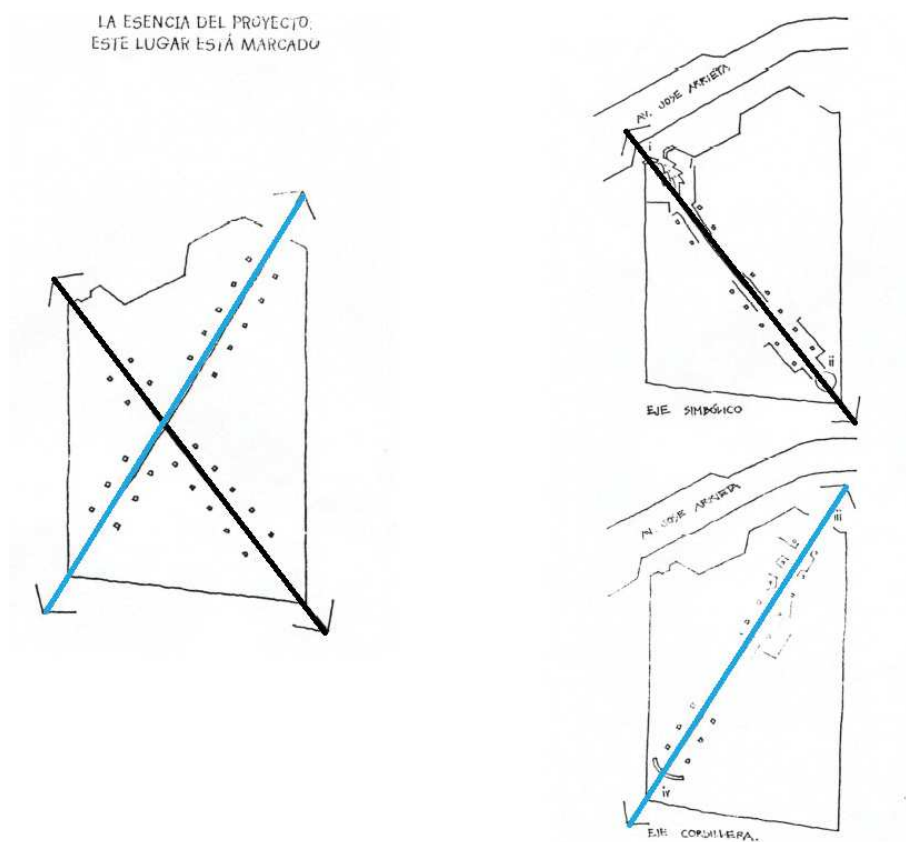


Figura 6 Esquemas conceituais do Projeto do Parque por la Paz Villa Grimaldi.
Fonte: Corporación Parque Por la Paz Villa Grimaldi, 1996.



Figura 7 Muro de los nombres.
Fonte: Acervo dos autores, 2015.



Figura 9 Detalhe do encontro dos eixos: El Patío Deseado.
Fonte: Acervo dos autores, 2015.



Figura 10 Sinalização no gramado.
Fonte: Acervo dos autores, 2015.

Da mesma forma, a sinalização do parque é oferecida por um sistema de placas localizado ao rés do chão (figura 10), remetendo ao olhar cabisbaixo dos prisioneiros, que procuravam distinguir fragmentos do entorno através das frestas das vendas que lhes impediam a visão.

Outros gestos do projeto buscam relatar o passado, estimular percepções e evocações: preservação de vestígios e elementos existentes como a piscina da antiga Villa Grimaldi (que sobreviveu à destruição); o umbu (denominado *Árbol de la Esperanza*) e

o *Banco de la solidaridad* o *Muro en Arco*³ (figura 11); a preservação e redefinição de usos de instalações utilizadas pela DINA (como o *Laboratorio Fotográfico* e a *Sala de la Memoria*); a reconstrução ou releitura de elementos significativos que foram destruídos, como a Torre e o Memorial Rosas de Villa Grimaldi, este dedicado às mulheres mortas no *Cuartel* e alusivo ao cheiro de rosas proveniente do antigo roseiral, que estimulava o olfato dos prisioneiros vendados (figura 12); a criação e exposição de maquete da estrutura do *Cuartel*, cuja elaboração foi baseada no testemunho de prisioneiros sobreviventes; a criação de espaços arborizados, desenhos de piso, monumentos e elementos escultóricos representativos da memória do lugar.

A Villa Grimaldi, como visto ao longo deste artigo, constitui-se em um local singular no que diz respeito ao uso do espaço urbano e seu espectro de significados reais e simbólicos na produção da cidade, no caso, Santiago do Chile.

No percurso temporal da Villa Grimaldi, pode-se dizer que as atrocidades do período militar também foram cometidas contra o próprio lugar, atingindo sua atmosfera original, transformando-o e imprimindo-lhe memórias do sofrimento humano, da dor e do cerceamento à luta por ideais. Os elementos constituintes do lugar foram destruídos ou transformados em instrumentos de práticas abusivas contra as pessoas.

O processo urbano do sítio, onde hoje existe o Parque por la paz Villa Grimaldi, é um emblemático exemplo de construção, ruptura e reconstrução de um nexos identitário entre lugar e sociedade. Se em um primeiro momento o lugar, de uma aura natural, possuía articulações mais tênues com o cotidiano social, a partir da configuração do que se chamou *Paraiso Villa Grimaldi*, incorporou uma aura cultural e passou a ter maior significado como equipamento urbano. Por outro lado, sua transmutação para lugar de tortura a serviço da repressão política e do cerceamento de liberdades impactou sua conexão social, estabelecendo um ponto de clivagem e redefinindo sua significação. Posteriormente, o resgate desse lugar, após anos de abandono, como parque e lugar de memória, ofereceu condições para a sua reapropriação pela cidadania chilena. Observa-se, portanto, que os caminhos percorridos pelo Lugar Villa Grimaldi convergem de forma exemplar com as análises de Augé (1988), Castello (2007) e Norberg-Schulz (2013).

O lugar, nesse caso intensificado pelo paroxismo de suas mutações, revela-se absolutamente imerso nas funcionalidades que adquire e nas relações com as pessoas que por ele são impactadas.

Deixa de ser local físico e se redimensiona em sua imanente relação com a vida – nele e por ele estabelecida. Nesse sentido, o lugar expande, abrange e transborda vitalidade. É só com essa perspectiva que as análises superficiais do *lugar* podem ser superadas para que se produza uma compreensão de sua conceituação como potência vital, com o entendimento de seu papel fundamental na reflexão/ação sobre o mundo.

O lugar de Augé, Castello e Norberg-Schulz é o *lugar* de estar e relacionar-se com a plenitude do viver, na medida em que toma partido em relação a esse ato – pela

³ Muro de pequena altura utilizado como assento pelos prisioneiros. Oferecia um lugar de encontro onde gestos de amizade e companheirismo amenizavam o sofrimento da prisão.

sua promoção ou mesmo (como em determinado período, visto neste artigo) pela sua destruição. Imbuídos dessa dualidade existencial – lugar/ser – encaminhamos as considerações finais.



Figura 11 *Banco de la solidaridad o Muro em Arco.*
Fonte: Acervo dos autores, 2015.



Figura 12 *Memorial Rosas de Villa Grimaldi.*
Fonte: Acervo dos autores, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

El olvido está lleno de memoria.

Mario Benedetti

A Villa Grimaldi, como visto neste artigo, constitui-se em um local singular no que diz respeito ao uso do espaço urbano e seu espectro de significados reais e simbólicos na produção da cidade, no caso, Santiago do Chile.

Desde a sua utilização como centro de cultura, lazer, arte, entre tantas outras atividades experimentadas a partir do início do século XX –, passando pelos períodos em que o lugar foi utilizado como centro de detenção e extermínio pelos militares da DINA, com o Golpe de 1973, acrescidos ao período de abandono (décadas de 1980 e 1990), até a sua revitalização como Parque por la Paz Villa Grimaldi, pode-se constatar que se institui como referência ímpar na investigação e aprofundamento do conceito de *lugaridade* (conforme já referido) para além de simplificadoras análises físico-geográficas.

Nesse complexo caminho percorrido, a Villa Grimaldi revela-se como um *locus* transtemporal que conserva em sua aura aquilo que é produto e produtor das suas contraditórias funcionalidades na relação com a cidade e com aqueles que a habitam. Como já mencionado, uma interessante proposição de Castello (2007) ao referir-se ao *lugar*, o distingue segundo a sua aura, memória e pluralidade, que contêm a sua urbanidade, sociabilidade, iconicidade, seu cotidiano.

Importa considerar que o conceito de lugar evocado para a reflexão proposta neste trabalho procura romper com uma categorização predeterminada e estimular aquela que consiste no eixo basilar da transdisciplinaridade, procurando no que se encontra entre, através e além das áreas delimitadas, a sua coerência com a multidimensionalidade inerente ao pensamento complexo⁴.

Nesse contexto é possível afirmar que o lugar Villa Grimaldi, ou a sua *lugaridade*, como bem aponta Castello (2007), está simultaneamente em todos os eixos acima sugeridos pelo autor e, “apenas” paradoxalmente, em nenhum.

A Villa Grimaldi pode enquadrar-se em uma dimensão de urbanidade ao relacionar-se com o tecido urbano em uma área, hoje central em Santiago; pode ser referida como portadora de parâmetros cotidianos e de sociabilidade pela funcionalidade apresentada com o entorno da cidadania; pode ainda, obviamente, ser enquadrada em um patamar icônico pela significância dos fatos dos quais foi palco e, finalmente, pode ser aespacial pela transcendência de simbologia e significados que de sua análise emergem. A Villa Grimaldi está no fio condutor que une essas dimensões.

Nesse escopo interpretativo, a Villa Grimaldi constitui-se como valiosa exemplificação na abordagem do *lugar* e sua gama de significados concretos e simbólicos em relação à cidade e seus habitantes. Para além, essa interpretação compreende a inexorável interdependência entre o ser e o lugar, que internaliza a sua exterioridade e, ao mesmo tempo, exterioriza a sua interioridade. Após o exercício prospectivo aqui

⁴ Trabalha-se aqui com o conceito de conhecimento complexo na perspectiva de Edgar Morin (2002).

realizado, retorna-se à origem para refletir: “O começo é agora. Ele não jaz atrás de nós [...] mas se ergue à nossa frente.”⁵

Com essa premissa conclui-se que a Villa Grimaldi, quando compreendida em relação ao entorno espacial no qual se insere e aos seres que lhe conferem diferentes significados, é lugar atemporal (ao desprender-se de sua cronologia) e u/tópico (ao transcender a sua própria espacialidade). É, definitivamente, **lugar** de porvir, porvir de sua potência vital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Porto Alegre: Papyrus, 1994.
- _____. **El viaje imposible**: el turismo y sus imágenes. Barcelona: Gedisa, 1998.
- CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar**: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.
- CODEPU. Corporación de Promoción y Defensa de los Derechos del Pueblo. **Por los derechos del pueblo**: Memoria CODEPU 1980-1990. Santiago: Raul Castillo, Victor Alfaro e Luis Pastenes editores, 2015.
- CORPORACIÓN PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI. **Proyecto Parque por la Paz**. 1996. Disponível em: <http://www.museovillagrimaldi.info/doc/1_5_1_3.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.
- GONÇALVES, Jorge Manuel. **Os espaços públicos na reconfiguração física e social da cidade**. Lisboa: Lusíada, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MORIN, Edgar. **O Método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 444-462.
- REBOLLEDO, Javier. **La danza de los cuervos**: el destino final de los detenidos desaparecidos. Santiago: Ceibo Ediciones, 2013.
- SALAZAR, Gabriel. **Villa Grimaldi (Cuartel Terranova)**: historia, testimonio, reflexión. Volumen I. Santiago: LOM Ediciones, 2013.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- VASSALO ROJAS, Emilio. **Villa Grimaldi**: historia y características de las grandes mansiones. Santiago: Impr. Siglo XX, 1967.

⁵ Frase de Martin Heidegger em *L'Auto-affirmation de l'Universe allemande*, dito *Discours du rectorat*. Mauvezin, Trans-Europ-Repress, 1982.